

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Eu ideal (ego ideal)

*Por Lisiane Milman Cervo**

O termo Eu Ideal apareceu pela primeira vez no texto de Freud: “Uma Introdução ao Narcisismo” (1914) e nos remete diretamente ao Narcisismo Primário. Essa fase intermediária, situada entre o Autoerotismo e o Amor Objetal, é fundamental para a constituição do Eu: o bebê precisa ser narcisizado pelos pais, necessita ser tomado como objeto de amor e de desejo para conquistar uma noção unificada de si mesmo. A criança fica identificada com os anseios e demandas pulsionais dos pais e essas inscrições precoces no aparato psíquico constituem os rudimentos de um Eu. O Eu Ideal seria essa instância em que o Eu do bebê está repleto da libido e dos ideais de perfeição dos pais.

O conceito de Eu Ideal contempla a importância determinante do objeto externo na constituição psíquica. A atitude afetuosa dos pais revela algo da revivência do seu próprio narcisismo colocado no bebê: o filho tenderá a ser supervalorizado, receberá os privilégios vetados aos adultos, o que corresponde à conhecida expressão de Freud: “*Sua Majestade – o bebê*”. Assim, os pais buscam em seu filho um reduto aos seus desejos narcísicos infantis, seus ideais de plenitude e de imortalidade. Essas expectativas parentais podem às vezes ser reconhecidas desde a escolha do nome atribuído ao bebê, quando há uma alusão a uma figura poderosa, bela, ou uma reprodução do próprio nome de um dos genitores.

Mas se na constituição do Eu Ideal o papel principal tende a ser dos pais, cada indivíduo precisará romper esse mandato narcisista inicial ao longo do crescimento emocional, senão permanecerá subordinado aos ideais parentais. No desenvolvimento saudável, o esperado é uma gradual renúncia à onipotência narcísica, alinhada a uma ampliação das relações com a realidade externa, com suas inevitáveis frustrações. A reestruturação proporcionada pelo Édipo e a dor da castração são saídas para que o ***Eu Ideal*** vá se transformando em ***Ideal do Eu*** (instância secundária, formada a partir do Complexo de Édipo). No contexto do Ideal do Eu, há uma substituição simbólica da cena inicial, em que os pais eram idealizados, e novas figuras tornam-se alvo de admiração (professores, líderes, ideias). Diante desses novos ideais, a forma como cada indivíduo se aproximar das

metas aspiradas será decisiva para a regulação de sua autoestima e de suas possibilidades amorosas.

Existem escolhas amorosas predominantemente narcisistas, em que o objeto de enamoramento é colocado no lugar do Eu Ideal. Nesses casos, toda libido e qualidades valorizadas são atribuídas ao outro e o sujeito fica esvaziado, à mercê de seu abastecimento amoroso para se sentir completo. Em momentos de desamparo e de desvalimento, todo indivíduo tende a recorrer à ilusão e ao conforto que figuram no Eu Ideal. Porém, se ele ficar detido nessa ilusão de completude, aferrado aos desígnios alheios, não poderá tomar as rédeas de sua própria vida. Um dos principais objetivos do trabalho psicanalítico será justamente a análise do Eu Ideal, para que o indivíduo não se torne refém de um destino traçado pelo desejo do outro, aprisionado na repetição de uma história que, de certa forma, lhe é estrangeira - para que possa construir-se como um sujeito singular, movido pelo próprio desejo!

* Lisiane Milman Cervo é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.